



Relação entre valorização da diversidade cultural e a valorização da agrobiodiversidade

Relation between the valorization of cultural diversity and the valorization of agrobiodiversity

GRIGOLO C., Serinei¹; HENN, Iara²; DIESEL, Vivien³

¹Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Dois Vizinhos - UTFPR-DV, serineicgrigolo@utfpr.edu.br; ²Instituto Federal do Paraná, campus Palmas - IFPR, iara.henn@ifpr.edu.br; ³Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, viviendiesel@yahoo.com.br

Eixo temático: Biodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: As relações entre a agrobiodiversidade e a cultura estão sendo reconhecidas no sul do Brasil? O artigo analisa a pertinência de estratégias orientadas à valorização da agrobiodiversidade mediante reconhecimento e valorização da diversidade cultural, a partir da caracterização das experiências observadas no México, procedendo-se análise da potencialidade de aplicação desta estratégia no contexto da agricultura familiar do sul do Brasil. Enquanto no México a valorização da diversidade cultural tem repercutido na preservação/valorização da agrobiodiversidade, no sul do Brasil as estratégias para preservação/ valorização da agrobiodiversidade são, basicamente, relacionadas à um discurso político contestador do modelo agrícola hegemônico. Identifica-se que a valorização da agrobiodiversidade a partir da diversidade cultural no sul do Brasil remeteria à desafios de “enraizamento” das culturas em seu ambiente de origem.

Palavras-chave: Sementes Crioulas; Festas; Educação Popular; Agroecologia.

Keywords: Creole Seeds; Parties; Popular Education; Agroecology.

Introdução

Em diversas partes do mundo instituições públicas e privadas estão promovendo iniciativas que contemplam resgate, preservação, estudo, seleção, melhoramento, multiplicação e disponibilização dos recursos genéticos que compõem a agrobiodiversidade sob motivações muito diversas. Entretanto, poucas iniciativas tratam as qualidades materiais de um material genético específico (como adaptação, sabor, nutrição, textura de variedades cultiváveis) como expressão de um processo histórico-cultural, que lhe identifica como criação material única. No México, todavia, encontram-se iniciativas que demonstram esse reconhecimento e, por isso, orientam-se a preservação da agrobiodiversidade a partir da valorização da diversidade cultural e que esta abordagem têm sido importante para os agentes do campo da resistência, especialmente na luta contra a entrada do milho transgênico. A proposta deste estudo é analisar o grau de similaridade nas estratégias de agentes de resistência mexicanos e brasileiros na abordagem das relações entre preservação/valorização da agrobiodiversidade e diversidade cultural.



Metodologia

Uma aproximação como a proposta, requer reconhecimento dos vínculos entre aspectos materiais e imateriais da cultura (em relação à agrobiodiversidade) e pode ser obtida a partir da perspectiva antropológica de Turner (1986), que remete a significação ao vivido, o visto, o sentido e às possíveis conexões entre o passado e o presente. Ou seja, relacionar cultura e agrobiodiversidade implica investigar significados e sentidos atribuídos a partir de vivências individuais e coletivas que, historicamente, foram se construindo na luta pela vida. Neste contexto, a abordagem histórica mostra-se relevante e complementar à abordagem etnográfica. Para permitir a comparação das estratégias de agentes mexicanos e brasileiros realizamos missão de estudo ao México (em outubro de 2015) e levantamentos em festas de sementes crioulas no sul do Brasil. Visando uma compreensão das estratégias dos agentes mexicanos, buscamos contextualizar os conflitos em torno à agrobiodiversidade naquele país, o que levou ao reconhecimento da importância das tradições culturais. Buscamos, então, os elementos simbólicos relacionados ao tema na Cidade do México, Toluca, Toxcoco, Oaxaca e Xochimilco. Buscamos dados sobre o uso da agrobiodiversidade nas civilizações pré-hispânicas caracterizadas no Museu Templo Mayor; no Museu de Antropologia; no Palácio de Belas Artes; no Palácio Nacional na Cidade do México; no Museu Etnobotânico de Oaxaca e no Museu da Agricultura em Toxcoco (Universidade de Chapingo). Ao mesmo tempo, estudamos evolução das pesquisas do Instituto de Ciencias Agropecuarias y Rurales (ICAR), em Toluca, onde conhecemos o projeto Observatório del maíz mesoamericano e participamos da Muestra Gastronómica de alimentos nativos; visitamos a comunidade Indígena Ejido San Francisco Oxtotilplan (onde o ICAR tem projetos) e também visitamos Asociacion Campesina Calimaya, que domesticou uma raça muito específica de milho, denominado de Cacahuzintle. Em Oaxaca, conhecemos o Instituto Nacional de Investigaciones Forestales, Agrícolas y Pecuárias (INIFAP), Campo experimental Valles Centrales de Oaxaca e seu trabalho com sementes nativas. Na Universidade Autónoma de Chapingo, participamos da XX Feria Nacional de la Cultura Rural.

No Brasil, buscamos caracterizar as estratégias dos agentes da resistência vinculados à organização das festas das sementes crioulas, no sul do Brasil. Justificamos esta escolha considerando a importância das festas como uma das principais iniciativas do movimento de resistência relacionados à valorização da agrobiodiversidade. Neste sentido, acompanhamos as seguintes festas entre os anos de 2014 e 2017: Dia da Troca das Sementes Crioulas, em Ibarama (região centro serra do estado do Rio Grande do Sul); Feira Regional de Sementes Crioulas e da agrobiodiversidade (na região Centro Sul Paranaense); Festa Regional de Sementes (na região Sudoeste do Paraná); Festa das Sementes Crioulas (em Mandirituba, na região metropolitana de Curitiba, Paraná); Encontro Diocesano de Sementes (Diocese de Santa Cruz, Rio Grande do Sul). A investigação realizada nas festas foi abrangente e, principalmente orientada ao estudo do processo de produção simbólica. Assim, observamos tanto a mística, quanto o discurso, a organização e o simbolismo, a programação dos eventos



e o rito: o que inclui a troca das sementes, a animação, a concessão da palavra (TURNER, 2005). Para os fins deste trabalho, tomamos por base, principalmente, os discursos dos agentes de resistência proferidos na festas denominadas de Dia da Troca das Sementes Crioulas, em Ibarama e Encontro Diocesano de Sementes no ano de 2015, que foram gravados e posteriormente transcritos e analisados.

Resultados e Discussão

O estudo realizado no México evidenciou que as estratégias de preservação da agrobiodiversidade utilizadas naquele país estão associadas à sua especificidade histórico-cultural. A diversidade genética dos cultivos (agrobiodiversidade) no México é significativa, identificando-se 61 raças de milho. Nesta diversidade, o milho pode apresentar de 8 fileiras a 16 fileiras de grãos por espiga, que podem conter entre 300 a 1000 sementes. Os grãos podem possuir cores variadas: branca, preta, tons de azul, cinza, vermelhos, amarelos, laranja, ou se apresentarem matizados. Há, também, grãos moles e grãos duros, e tanto a espiga como a planta podem ter diferentes tamanhos. Quanto ao ciclo de cultivo, encontram-se raças superprecoces, precoces e tardias. Ou seja, dispõe-se de alternativas de milho de crescimento rápido para lugares de pouca chuva, milho com folhas avermelhadas para regiões mais frias e milhos mais baixos para a região de muito vento (MUSEU NACIONAL DE CULTURAS POPULARES, 1987). As indicações apontam, também, que parte significativa desta agrobiodiversidade é fruto da ação humana, num contexto de coevolução das culturas com o ambiente. Atribui-se aos camponeses indígenas a seleção e melhoramento de uma raça de milho para cada nicho ecológico. Vassallo (2004), por exemplo, aborda a indissolúvel relação entre o milho e o homem, entre ciência e conhecimento indígena, entre o homem e seu ambiente. A importância concedida à flora e à fauna na vida ritual foi registrada na arquitetura de templos e nas oferendas encontradas em sítios arqueológicos. O cultivo do milho também está associado com muitas lendas, deuses, ritos e oferendas. Aparece nas culturas pré-hispânicas e, por vezes, no sincretismo religioso no período da colonização. Além do valor simbólico o milho faz parte das práticas cotidianas relacionadas a alimentação – a qual também é rica em simbolismos. O México, como centro de origem do milho, traz em sua cultura a diferenciação na forma de consumir cada tipo de milho, para cada raça a culinária tradicional mexicana produziu um determinado prato. O livro *El Maíz* do Museu Nacional das Culturas Populares (1982) informa que o referido museu publicou um receituário com 605 receitas com milho, a exemplo de taco, tortilla, tlacoyo, tostada e tamal, entre outros. A diferenciação nas formas de uso social/cultural confere valor especial para cada tipo de milho. A nixtamalización é uma prática milenar de aquecer o milho em cal virgem para retirar a casca e moer, o que segundo a fonte o torna mais nutritivo e completo. Portanto, registra-se a criação de um “saber fazer” de alimentos muito específicos, associado a tradições culturais vinculadas à agrobiodiversidade autoctone. Neste contexto, destacamos as estratégias dos agentes de resistência que visam reforçar esta vinculação da valorização de tradições culturais (e de culturas) com a preservação/valorização da agrobiodiversidade (e componentes específicos



desta). Assim, os agentes colocam a preservação da agrobiodiversidade como requisito da manutenção e fortalecimento da identidade cultural própria (diversidade cultural) e mesmo da vida. A arte mostra este simbolismo em pinturas (como as de Cristo com as mãos agarrando plantas de milho e nas recentes obras de arte de Francisco Toledo contra os transgênicos: incrustando caveiras em espigas de milho) e nas inúmeras peças teatrais e poéticas. Simultaneamente, os agentes buscam explorar as sinergias entre a valorização de práticas culturais tradicionais (sobretudo vinculadas à alimentação) sobre a preservação/valorização da agrobiodiversidade.

A análise dos discursos de agentes de resistência nas festas das sementes crioulas realizadas no sul do Brasil revela a adoção de estratégias diferenciadas às mexicanas. Nestes eventos agentes apresentam uma crítica ao modelo de desenvolvimento agrícola hegemônico, de base agroindustrial, apresentam a justificação para tal crítica e discernem a ação esperada: por meio de discursos que iniciam com referência à conjuntura, fazem a enunciação da crítica à apropriação privada das sementes (sua mercantilização); apresentam então uma crítica à cultura dominante e motivam para a ação de preservação das sementes como base da vida e como patrimônio da humanidade. Além destas referências gerais, os agentes podem diferenciar suas ênfases discursivas adequando-a ao seu perfil. Em termos gerais, constatou-se que: 1) prévia identificação com religião conduz à ênfase na defesa da vida, que conduz à defesa de toda semente, que conduz ao comportamento normativo da defesa, compartilhamento e apoio aos esforços de valorização das sementes crioulas; 2) identificação com campesinato (pequena agricultura ou agricultura familiar) conduz à identificação com agricultura alternativa e ou ecológica, que conduz à identificação com sementes crioulas, que conduz ao comportamento normativo de apoio aos esforços orientados ao melhoramento; 3) identificação com o território, repercute em comportamento normativo de preservação de elementos ativadores da memória histórico-cultural (GRIGOLO, 2016). Neste contexto, a seleção, guarda e cultivo de sementes crioulas limita-se aqueles que o fazem em nome da preservação de elementos da “memória familiar”, ou aqueles que participam de processos educativos e mobilizações relacionadas a movimento camponês ou agroecológico.

Pela comparação das estratégias dos agentes de resistência estudados, nota-se que, apesar de semelhanças no discurso político de valorização da agrobiodiversidade, a abordagem adotada nas festas das sementes crioulas no sul do Brasil está distante em relação à abordagem mexicana. Estas diferenças relacionam-se principalmente à ênfase mexicana na valorização de tradições culturais. Tal observação leva a questionar sobre a plausibilidade de aplicação desta estratégia no contexto da agricultura familiar sulbrasileira. Neste sentido, mesmo sem a realização de um levantamento sistemático, é possível identificar que no sul do Brasil o processo de coevolução cultura-ambiente foi mais restritivo – seja por restrições de tempo de interação ou pela orientação exógena do desenvolvimento cultural. Ou seja, tal problematização leva ao reconhecimento das diferenças em termos de “enraizamento” das culturas no local de sua origem.



Conclusões

A comparação entre as estratégias adotadas por agentes de resistência aos transgênicos no México e no sul do Brasil leva à uma importante reflexão sobre a relação entre a preservação/valorização da agrobiodiversidade e da diversidade cultural. Tendo em vista as características do processo histórico de coevolução entre sociedades – ambiente, observa-se no caso mexicano significativo enraizamento das culturas no ambiente de sua origem, com aperfeiçoamento de práticas culturais para melhor adaptação e aproveitamento dos recursos locais. Tais processos estariam na base de uma significativa diversidade cultural associada a agrobiodiversidade, à qual os agentes de resistência buscam valorizar. No âmbito da agricultura familiar no sul do Brasil, o processo histórico de coevolução sociedades-ambiente mostra-se mais limitado e os agentes de resistência buscam, basicamente, disseminar a crítica ao modelo de agricultura hegemônico (agroindustrial com incorporação de transgênicos) e mobilizar os grupos em nome da defesa (e não mercantilização) da vida. Estas estratégias tem se mostrado limitadas levando a questionar a conveniência de investimento em estratégias de valorização da diversidade cultural, com “enraizamento” das culturas no ambiente de origem. Tais estratégias implicariam, via de regra, o reconhecimento da necessidade de avanços em termos de revisão de representações hegemônicas (operar desconstruções simbólicas, como o observado nas festas das sementes crioulas e nas manifestações artísticas no México), mas também um investimento significativo no reconhecimento, seleção, melhoramento e diversificação dos usos de recursos locais da agrobiodiversidade.

Referências bibliográficas

GRÍGOLO, S. C. **A renovação das estratégias de lutas na agricultura**: o caso das festas das sementes crioulas no sul do Brasil. 2016. Tese (Doutorado em Extensão Rural), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

MUSEU NACIONAL DE CULTURAS POPULARES. **El maíz**: fundamento de la cultura popular mexicana. México: Museo de Culturas Populares/ GV editores, 1982.

TURNER, V. Os símbolos no ritual Ndembu. In: TURNER, V. **Floresta de símbolos**. Niterói: EDUFF, 2005. p. 49-82

TURNER, V.; BRUNER, E. M.; GEERTZ, C. **The anthropology of experience**. Illinois: University of Illinois Press, 1986.

VASSALLO, M. Gente de maíz, maíz de la gente. **México desconocido**, n. 329, p. 28-38, jul. 2004